

Senhor Presidente  
Senhora e Senhores Deputados  
Senhora e Senhores Membros de Governo

O ensino do Português nos Estados Unidos e no Canadá encontra-se numa situação de abandono insustentável, por parte do Governo da República e os pais dos alunos e os professores consideram discriminatória a forma como vem sendo distribuída a verba orçamentada para o Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro.

Este problema pode parecer, para muitos de nós que vivemos nos Açores, de somenos importância, mas é um assunto sério que tem preocupado os emigrantes destas ilhas que vivem no continente norte-americano.

De facto, o Governo tem, persistentemente, privilegiado o continente europeu, em detrimento de outros países, onde o número de luso-descendentes é maior.

Por isso, os responsáveis das nossas comunidades da diáspora entendem que já nem vale a pena continuar a pedir apoios ao Governo português, dado o costumeiro desinteresse governamental em patrocinar as organizações e escolas que ministram o português nas comunidades fora da Europa.

Não se entende que as crianças e os jovens portugueses, vivendo no estrangeiro e que pretendem aprender a nossa língua sejam tratados de forma desigual. Os que se encontram fora do velho continente são esquecidos e apenas lembrados nos discursos oficiais, aquando da visita de algum membro do governo, com

apelos para que as comunidades da diáspora se empenham na manutenção da cultura e língua portuguesas.

De acordo com as justificações oficiais, os recursos financeiros são limitados para contemplar todos os que querem preservar o Português como Língua e como Cultura. Por isso, o Governo da República decidiu canalizar os seus apoios para os que vivem na Europa, ficando, assim, de fora, designadamente, os luso-descendentes da diáspora açoriana, numa discriminação insustentável.

Senhor Presidente

Senhora e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros de Governo

De acordo com as queixas dos nossos emigrantes, não há verbas para pagar professores, nem há sequer livros próprios, para que os curricula estejam em conformidade, com o que se ensina em Portugal. Os pais dos alunos têm de suportar todos os encargos, se querem que os filhos aprendam a nossa língua.

No entanto, segundo um desabafo de um emigrante, os governantes encontram, contraditoriamente, e de forma fácil, dinheiro para distribuir por todas as escolas portuguesas no estrangeiro, os chamados “símbolos da República”, numa campanha promovida pelo Governo e que já arrancou na maioria das escolas do ensino básico.

Nos Estados Unidos existem cerca de 80 escolas comunitárias, organizadas pela Igreja Católica, por associações e até por grupos de cidadãos, onde aprendem a língua portuguesa, mais de 4.500 alunos.

No Canadá, os Cursos de língua e cultura portuguesa distribuem-se por cinco áreas consulares: Montreal, Ottawa, Vancouver, Winnipeg e Toronto. O ensino está organizado nos moldes da Rede Particular, cuja dinâmica de funcionamento depende das entidades promotoras: associações, clubes ou entidades públicas e privadas, que procedem ao recrutamento dos professores e assumem todos os encargos resultantes do funcionamento dos cursos, que funcionam após o horário escolar canadiano.

Por outro lado, durante 20 anos, os Ministérios da Educação e dos Negócios Estrangeiros em Portugal receberam apenas os números relativos às escolas comunitárias. Na estatística enviada pelos Serviços de Coordenação do Ensino Português ignorou-se sistematicamente as largas centenas de situações de ensino integrado desde o jardim-de-infância, ao 12º ano de escolaridade nas escolas oficiais norte-americanas.

Por isso, em 2005, existiam na rede comunitária e pública norte-americana 166 escolas, desde o pré-escolar ao ensino secundário, espalhadas por 13 Estados, com 16 mil alunos.

Infelizmente, todas estas escolas não têm tido das autoridades portuguesas qualquer tipo de apoio, quer a nível financeiro, quer a nível de materiais didáticos, apesar de Portugal considerar insubstituível o papel destas na preservação e transmissão da cultura e da língua portuguesa. É por isso que tal situação tem motivado um rol de queixas, junto dos vários Secretários de Estado das Comunidades e de outros membros do governo que visitam a diáspora.

As comunidades dos Estados Unidos e Canadá não entendem este abandono, contrariamente ao que acontece com o apoio que é dado ao ensino da língua portuguesa na Europa, com o qual, só num ano, o Governo Português despendeu mais de 40 milhões de euros.

Por isso, cansados de esperar, professores, directores escolares e pais dos alunos entendem que é tempo de deixarem de “pedir esmolas a Lisboa” e de seguirem o seu próprio sistema de ensino, formando os seus professores.

Será este o caminho a seguir?

Senhor Presidente

Senhora e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros de Governo

Se o Governo da República esquece as nossas comunidades, o mesmo não deveria acontecer da parte do governo regional dos Açores, que tem a obrigação ética e política de apoiá-las, patrocinando o ensino da língua portuguesa, direccionado para a nossa diáspora.

A Direcção Regional das Comunidades existe, exactamente, para apoiar a nossa diáspora, em termos supletivos e neste caso concreto para incentivar e acompanhar o ensino da língua portuguesa junto dos filhos dos nossos emigrantes. É preciso mais acções concretas no que é fundamental, como é o caso do ensino da língua materna e menos foguetório no acessório.

Para os responsáveis comunitários, muitas vezes, nem é tão pouco a falta de apoio financeiro ou de livros que mais afecta os que se dedicam à tarefa do ensino da nossa língua, mas sim a falta de estímulo, que causa grande desmotivação aos que têm a missão de ensinar e expandir a língua nas nossas comunidades.

De acordo com Graça Castanho, ex Conselheira de Ensino do Português para os Estados Unidos e Bermudas, a nossa comunidade tem dado provas, mais que suficientes, de ser capaz de organizar escolas e continuar a transmissão do legado linguístico-cultural às novas gerações, esperando que o esforço dos diversos intervenientes na melhoria da qualidade do ensino do português ministrado naquelas instituições continue, de modo a que a língua portuguesa não deixe de ser ensinada junto dos luso-descendentes.

Do Governo Regional espera-se, e aqui a razão deste apelo, um contributo activo para a modernização das escolas comunitárias, designadamente na criação de bibliotecas, no envio de livro escolares e sobretudo na formação de professores, de modo a se incutir o interesse dos luso-descendentes pela língua portuguesa.

É verdade que existem muitas dificuldades para motivar os filhos dos emigrantes a frequentarem as escolas portuguesas, em horários pós-escolares, pelo que a Direcção Regional das Comunidades, em conjunto com as autoridades portuguesas, deveria dar mais atenção a este problema, de modo a contribuir para a criação de uma escola mais atractiva. Para tal, importa promover mais acções de formação para os professores e disponibilizar apoios financeiros para as escolas comunitárias.

É que hoje em dia, falar português constitui uma vantagem no continente norte-americano, não apenas porque aumenta a “auto-estima” dos luso-descendentes, como é um factor de valorização pessoal, dada a importância crescente do peso económico do Brasil no continente norte americano e no mundo em geral.

Trago esta questão a esta tribuna porque uma apreensão se destaca nesta situação: as escolas comunitárias de ensino da língua portuguesa registam, cada vez mais, menor frequência de alunos, o que não é alheio o facto da falta de apoio oficial. Por

isso Claudinor Salomão, Conselheiro das Comunidades dos Estados Unidos e Bermudas, aquando da famigerada declaração do Presidente Bush, comparando o ensino da língua portuguesa nos Estados Unidos a uma escola de vela num catamarã, reagiu declarando: “equivalente menosprezo temos nós recebido por parte do governo português, através da mais completa ausência e omissão, relativamente aos compromissos assumidos em matéria de ensino da língua portuguesa”.

No caso concreto do Canadá, a formação dos professores regista uma lacuna grave, porque não só não reflecte a realidade açoriana ou portuguesa, como o seu conhecimento do português é por vezes quase básico.

Os professores precisam de que quem os coordene tenha melhor conhecimento da cultura destas ilhas, quando 80% dos portugueses em Toronto e áreas envolventes, são de origem açoriana.

Seria importante que estes professores tivessem formação nos Açores, num contributo importante do Governo Açoriano. Só com professores bem preparados, poderemos assegurar e desenvolver o orgulho e o interesse pela herança cultural e pela língua.

O sucesso do ensino do italiano e do espanhol no Canadá e Estados Unidos deve constituir para nós um exemplo, pois os professores que leccionam nas escolas das respectivas diásporas recebem apoios substanciais, e deslocam-se aos respectivos países de origem a fim de obterem a formação específica para leccionarem aos filhos dos emigrantes. Nenhum mal viria ao mundo se seguíssemos estes bons exemplos.

Ontem, comemorou-se o Dia Nacional do Canadá, pelo que daqui saudamos aquela celebração festiva. Trata-se de um país amigo que acolhe de muitos açorianos que elegeram aquela grande nação

norte-americana para ali viverem, transformando-a em sua segunda pátria. Sentimo-nos em casa, seja na Dundas St, seja no Boulevard de Saint Laurent, onde labutam muitos açorianos que contribuem activamente para o progresso e desenvolvimento do Canadá, em respeito e entendimento tranquilo com as restantes etnias.

António Pedro Costa